

## Panos de Prato

Teté

Depois da morte da tia Nilde, minha mãe trancou-se no quarto por dias. Duas semanas não recebeu ninguém. As irmãs não se falavam há mais de duas décadas. Enquanto tia Nilde emudecia-se para sempre, a irmã gritava pelo seu nome, fora de si, atordoada. Lembrei do meu pai. Será que também o encontraria pela primeira vez num corpo que não vive?

\*

Desde a primeira infância até a juventude, convivi num sobrado com as dimensões de uma caixinha de fósforo. Lá dentro, quase tudo era permitido — político, policial militar, traficante, empresário, pintor de parede, frentista, taxista e toda a escória do bairro. Essa era a família que eu conhecia. Tia Nilde e meu pai nunca visitaram o sobrado, mas diariamente ocupavam a imaginação de uma criança enclausurada, assim como os livros, que sempre surgiam dentro da bolsa de um dos clientes da minha mãe. Um homem alto, sempre bem vestido e com a barba impecável. Toda vez que a porta era aberta, sorria para mim com os olhos. O homem sabia que eu ia fuçar na sua maleta. Só não sabia, que eu já entendia o aconchego das palavras.

Quando eu tinha uns seis ou sete anos, comecei a questionar minha mãe sobre a nossa família. Cadê o papai? Onde estava todo mundo? Por que ninguém me vê? Exilada da minha própria vida, passei anos exercitando a paciência e instigando uma resposta, mas minha mãe disfarçava, sempre que eu tocava no assunto. Muitas vezes, ela respondia irritada. “Seu pai era um velho que fazia promessas”. “Tia Nilde fugiu porque é uma mulher invejosa, mas não invejosa como os outros, muito pior do que você imagina!”. “Esquece essa história! Heitor não vai voltar!”. “Eu faço isso pra te proteger. Sua tia me arrancou tudo! Eu não vou deixar ela fazer o mesmo com você”. Eram respostas ásperas, automáticas, capazes de silenciar uma criança — pelo menos por um tempo. Meu pai Heitor e tia Nilde, foram pintados como numa dessas telas abstratas — onde o espectador busca sentido em linhas tortas, rabiscos e borrões de tinta. Eu era essa espectadora.

Lembro de um domingo diante do espelho, quando resolvi imitar minha mãe, já de peito nascendo, pinte os lábios e os olhos pela primeira vez, numa tentativa de burlar a infância. “Vai lavar essa cara. De putas, nossa família já está cheia”. De rosto

borrado, com as cores de uma mulher, chorei como uma criança. Obedeci, porque cabem aos filhos obedecerem suas mães, e não questioná-las. Foi quando comecei a espiá-la. Por trás da porta do quarto trancado, eu ouvia suas aventuras com a esperança de agarrar uma confidência, algum desabafo, um único deslize que revelasse uma intimidade entre mãe e filha. Mas os ruídos abafados e os giros do ventilador amarrado no teto, produziam cacofonias crescentes. Era impossível diferenciar um gemido falso de uma confissão verdadeira. Minha mãe, sem deixar vestígios, desaparecia naquele sobrado, engolida pelo trabalho. Eu só notava sua presença quando o rumor dos chinelos de borracha arrastavam o chão. Como uma cortesã perfumada, entre o fumacê do tabaco e a goma de mascar na boca, ela reaparecia, vestindo apenas calcinha e sutiã de cores berrantes. Assim à vontade, ela era novamente uma mocinha. Não tinha vergonha de viver daquele jeito?

Os dias passaram. Aquela época, eu tinha uns dezessete anos, não mais do que isso. Numa tarde, enquanto dois homens dividiam minha mãe, vasculhei o resto do sobrado por algum pergaminho secreto, um número de telefone, um bilhete, uma foto — alguma verdade que pudesse me tirar dali para sempre. Eu tinha medo de deixar algum vestígio, ou violar alguma regra adulta desconhecida. As palmas suadas abriam e fechavam armários com destreza, e no meio de tanta vaga impossibilidade, de tanto porejar, ali estavam: fotos confinadas no fundo de uma gaveta na cozinha. Elas traziam revelações e desvendavam mistérios que desde criança sacudia o meu pensamento. Por que minha mãe guardava um segredo, como quem guarda um pano de prato?

Com cuidado, separei as fotos, todas antigas e quase coloridas, numa delas, duas moças — duas irmãs no tronco de uma jaqueira. Pareciam gêmeas, não fosse a diferença de idade. Minha mãe, com o mesmo corpo fino, forte, desviava o olhar tímido e abraçava uma versão mais nova de si mesma. A caçula, com pele azulada de tão preta, exibia os dentes brancos entre os lábios carnudos, e seus olhos verdes enormes, seduziam a câmera. Seu sorriso insinuante e o corpo cheio de curvas roubavam a cena. Tia Nilde me pareceu ter uma beleza tão insuportável, que havia um desconforto no rosto da primogênita.

Depois do episódio, passamos alguns dias se divertindo como fazem as mães e as filhas normais, assistindo à novelas e fofocando. E quando minha mãe se enclausurava novamente, lacrada no quarto com algum desconhecido, eu gozava do tempo até que seus clientes secassem — dez, quinze minutos para eu investigar um passado que a gaveta da cozinha abrigava. Eram fotografias num cenário idílico — arborizado de jaqueiras largas que suportavam uma rede de balanço extensa, o

quintal de uma casinha de madeira com janelas verdes. Algumas fotos, com palavras escritas no verso, embaralhavam ainda mais esse quebra-cabeça, como fragmentos de correspondências compostas por imagens do passado. Mas a minha leitura atenta sublinhou o que eu já suspeitava. O fotógrafo era Heitor. O meu pai.

Heitor aparecia em algumas das fotos, sempre ao lado da tia Nilde, enquanto minha mãe (acho eu) operava a câmera dele em seu lugar. Era um rapaz de sobrancelhas grossas, arqueadas, sempre vestindo um terno de linho branco impecável que frisava o contraste da pele. Os olhos acizentados, acendiam-se ao lado de tia Nilde. Olhos que eu fitava pela primeira vez.

Eu conversava com as imagens. Investigava tia Nilde, olhava para as fotografias da minha mãe, e tateava o rosto de Heitor no papel fosco. Isso seguiu por semanas, assim como os sonhos que me visitavam durante as noites — eu perseguia minha mãe que se esquivava ao redor das jaqueiras. Meu pai e tia Nilde, empilhados na rede como dois jovens domados à espera do fim do mundo. Os dois, sempre juntos nos sonhos. Sempre na rede sombreada. Ao regressar à realidade, com o corpo molhado de suor e a cabeça alucinada, eu me perguntava o significado dessas imagens oníricas. Seriam oráculos me preparando para o futuro? Ou enigmas do passado que revelavam-se quando fechava meus olhos? O banho frio tratava da vertigem e depois eu trocava o lençol da cama, para na noite seguinte, tudo voltar a se repetir.

Até uma manhã escura, quando acordei assustada. Fui guiada até a sala, onde o cheiro da fumaça não era o mesmo da fragrância doce que estava acostumada. Encontrei um latão de ferro aceso. Minha mãe acordada. De calcinha amarela e sutiã azul, ela rasgava fotos e papéis. Alimentava as chamas, as mágoas e o arrependimento. “Tia Nilde, morreu”. Disse a queima-roupa, sem conter as lágrimas e a firmeza.

Eram apenas fotografias, mas também a primeira vez que a família estava reunida. Hipnotizada pelas fagulhas, cada pedacinho de papel fosco queimado era uma parte de mim que brilhava. Eu finalmente existia. Tinha as sobrancelhas do meu pai, o corpo fino da minha mãe e os olhos coloridos da tia.